

**ROGERIO ROSSINI E O CINEMA BRASILEIRO: A TRILHA SONORA DO FILME  
CABRA MARCADO PARA MORRER**

**Miguel De Laquila Oliveira**

UNIRIO

Mestrado em Práticas Interpretativas

*SIMPOM: Subárea de Linguagem e Estruturação / Teoria da Música*

**Resumo:** Este artigo apresenta um breve estudo sobre a produção de Rogerio Rossini (1949-1989) como compositor de trilhas sonoras para o cinema brasileiro das décadas de 1970 e 1980, e sobre a trilha sonora do filme *Cabra Marcado para Morrer*, de Eduardo Coutinho. A partir de textos de estudiosos do filme, de uma entrevista rara sobre a trilha sonora com o diretor, e da observação atenta do filme, apresentamos algumas conclusões sobre aspectos musicais e sonoros, e sobre a articulação entre trilha e cenas do filme. O artigo inclui também o primeiro relato escrito sobre a trajetória de vida do compositor.

**Palavras-chave:** Rogerio Rossini; cinema brasileiro; trilha sonora

**Abstract:** This article presents a study about the works of the composer Rogerio Rossini for the Brazilian cinema at the 1970 and 1980 decades, specifically for the documentary film *A Man Listed to Die – Twenty Years Later* of the director Eduardo Coutinho. Conclusions about musical aspects and the relation between soundtrack and movie scenes are presented based in texts, an interview with the director and the observation of the film. This article also includes the first report of the composer's life.

**Keywords:** Rogerio Rossini; Brazilian cinema; soundtrack

## **Introdução**

É possível dizer que Rogerio Rossini (1949-1989) foi um dos músicos mais plurais que o Brasil já teve. Apesar de sua obra e seu nome estarem em estado latente, adormecidos, o número de profissionais que trabalharam com ele e que mantém na memória sua figura excêntrica, genial, profissional, hilária e ao mesmo tempo melancólica é enorme. Profissionais de áreas como: cinema, publicidade, música de concerto, música popular, samba, em várias de suas ramificações são unânimes ao destacar suas qualidades como violonista, arranjador e compositor.

No período entre 1973 e o ano de sua morte, Rossini foi responsável pela música de 18 filmes, incluindo curtas e longas-metragens. A partir do seu reconhecimento como compositor, e do trabalho no meio publicitário carioca, teve a oportunidade de trabalhar com alguns dos mais importantes diretores e profissionais de cinema da época, como Joaquim Pedro de Andrade, Mario Carneiro, Roman Stulbach, Leonardo Bartucci e Eduardo Coutinho. Este último o convidou no ano de 1984 para a realização da trilha de um dos filmes mais

premiados e respeitados do cinema brasileiro, o documentário de longa-metragem “Cabra Marcado para Morrer” (1984).

O presente artigo é fruto de algumas conclusões e de informações coletadas para dissertação de mestrado em andamento sobre a obra de Rogerio Rossini, que será defendida no Programa de Pós-Graduação em Música da UNIRIO. Apesar de ser possível encontrarmos algumas referências sobre a obra do compositor (fichas técnicas de filmes, discos, e alguns artigos) a maior parte das informações foi coletada através de entrevistas com profissionais que conviveram com Rossini e amigos.

### **1. Relato de trajetória de vida<sup>1</sup>**

A trajetória de Rogerio Rosalém Rossini começa na cidade de Rio Claro, no interior de São Paulo, onde nasceu no ano de 1949. Único músico de sua numerosa família, começou sua atividade profissional ainda na adolescência com um violão emprestado, instrumento o qual se iniciou de forma autodidata.

Sempre presente nas atividades musicais da cidade, Rogerio ainda é lembrado pelas serestas que promovia ainda jovem, assim como pela orientação que dava aos percussionistas de blocos carnavalescos rio-clarenses. Sua frequente participação nas atividades musicais teve início ainda no Instituto de Educação Joaquim Ribeiro, apresentando-se no Salão Nobre da escola durante a década de 1960. A época marca o início da Bossa Nova, que junto com o jazz dos guitarristas Barney Kessel e Wes Montgomery, e o rock dos Beatles formavam a base do repertório tocado pelo jovem músico. Somam-se a isso: trabalhos como professor de violão, regente de corais, compositor para peças teatrais, participações em programas de rádios locais. Atividades que já delineavam os contornos de sua futura carreira fora de Rio Claro, marcada pelo pluralismo e versatilidade.

No início da década de 1970, muda-se para Campinas e posteriormente para a capital paulista, em busca de oportunidades. Nesta época amplia seus conhecimentos em composição e harmonia com os mestres Cyro Brisolla, Paulo Herculano Gouveia e Hans J. Koellreutter. Antes de se mudar para o Rio de Janeiro, no ano de 1974 ou 1975, Rogerio realiza seu primeiro trabalho importante para o cinema, o curta-metragem “Missa do Galo” (1973)<sup>2</sup>, de Roman Stulbach, com participação de atores como Fernanda Montenegro, Fernando Torres,

---

<sup>1</sup> As informações sobre a vida do compositor foram coletadas através de entrevistas com a pianista Ruth Serrão, o amigo Caetano Pezzotti, o escritor Nei Leandro de Castro, o cineasta Leonardo Bartucci, e a cantora Angela Herz.

<sup>2</sup> Todos os filmes citados e que contam com o trabalho de Rogerio Rossini podem ter suas fichas técnicas pesquisadas em [www.cinemateca.gov.br](http://www.cinemateca.gov.br).

entre outros. A música, de caráter misterioso, é composta para violão, flauta e fagote, e os músicos de primeira linha: Rogerio Rossini ao violão, Nicolino Cópia (Copinha) na flauta, e Noel Devos no fagote.

Estabelecido na cidade do Rio de Janeiro, aonde residiria até sua morte, em 1989, seus primeiros trabalhos como compositor e diretor musical para o cinema são para filmes do gênero chanchada, que foi altamente explorado durante os anos de 1970, com mais de uma centena de títulos produzidos nesta década. São desta época, os filmes: “Alegres Vigaristas” (1975), “O padre e a modelo” (1975), “Um Soutien Para Papai” (1975), “Um Marido Contagante” (1977), todos do diretor Carlos Alberto S. Barros. Ainda em 1977, compõe a música para o longa-metragem “Gordos e Magros” do diretor Mario Carneiro, através do qual viria a conhecer Joaquim Pedro de Andrade, o prestigiado diretor de “Macunaíma” (1969). Com este viria a trabalhar no ano seguinte como diretor musical no curta-metragem “O Aleijadinho” (1978), com narração de Ferreira Gullar, e que conta com uma bela seleção de obras dos compositores: J. J. Emerico Lobo de Mesquita, padre José Maurício, Manuel Dias de Oliveira, entre outros. Quatro anos depois colaboraria novamente com o diretor em “O Homem do Pau-Brasil” (1982), onde além de responsável pela composição da música faz uma pequena participação como ator, no papel do personagem Jean Cotó.

O trabalho de Rogerio Rossini também pode ser ouvido em dezenas de discos de música popular, onde atuou como arranjador, violonista e compositor. Um dos clássicos do samba brasileiro, o disco “A arte negra de Wilson Moreira e Nei Lopes” (1980) conta com arranjos e o violão de seis cordas do músico paulista. Deste mesmo ano é a sua parceria na música “Bonita”, com Dalmo Castello, sambista parceiro de Cartola. Ainda na esfera da música popular, Rossini tem parcerias com Nei Lopes, e com Nei Leandro de Castro. Com este último teve uma canção gravada por Clara Nunes, no auge do sucesso da cantora, mas que acabou não saindo em disco por conta das reclamações de Rogerio sobre a afinação da cantora, ainda durante o processo de gravação no estúdio. Fato este bastante divulgado entre os músicos na época.

Durante os anos em que viveu no Rio de Janeiro, Rossini também atuou intensamente como compositor de Jingles para o meio publicitário, para algumas das mais importantes agências cariocas. Na década de 1980 fundou a produtora DC Vox.

Mantinha ainda um trabalho como concertista ao violão. Como solista, fez participações em recitais de Turíbio Santos, tocando peças de Villa-Lobos. Foi convidado também por D. Arminda Villa-Lobos para participar de um concerto em homenagem aos 25 anos de morte do compositor. Na música de câmara manteve por alguns anos um duo com a

cantora Angela Herz, sua esposa à época, com quem fez temporada no Teatro do Planetário da Gávea, em 1982. Com a pianista Ruth Serrão, fundou também um duo, o qual teve, segundo a pianista<sup>3</sup>, uma obra dedicada pelo compositor Guerra-Peixe, a versão para piano e violão das “Lúdicas” (1980). Ruth veio depois a ser sua esposa. A relação com o maestro brasileiro era de amizade e admiração mútuas. Dos encontros na casa do maestro, às aulas de composição<sup>4</sup>, dos bailes de dança de salão na Estudantina Musical, às caminhadas pelo bairro de Laranjeiras. Foi por iniciativa de Guerra-Peixe que Rossini teve sua única obra editada, a “Movimentos Figurativos” (1984) para violão, incluída na edição “Opus – Obras Seleccionadas por Guerra-Peixe”, editora Irmãos Vitale. Outras duas obras importantes, ambas em versão manuscrita, são os dois ciclos de canções intitulados “Natal”, estreado<sup>5</sup> por quem vos escreve ao violão e a soprano Doriana Mendes, e “Modas Mineiras” para voz e violão, de 1982.

De volta à sétima arte, temos os últimos e importantes trabalhos realizados por Rogerio nos anos de 1980. De 1982, “Um Certo Manoelzão”<sup>6</sup> do diretor Leonardo Bartucci, é um curta-metragem sobre o personagem de Guimarães Rosa, que conta com texto de Nei Leandro de Castro, e trilha sonora de Rogerio Rossini, que é o responsável também por cantar e se acompanhar ao violão na canção que abre e encerra o filme. Em 1983 realiza a trilha de mais três filmes: “Suíte Bahia – Reencontro com Agnaldo Siri” de Roman Stulbach, “Rio Babilônia”, de Neville D’Almeida, e “Iberê Camargo – Pintura Pintura”, de Mario Carneiro, com narração de Ferreira Gullar. Através da indicação de Joaquim Pedro de Andrade, o diretor Eduardo Coutinho o convida para fazer seu último trabalho para o cinema, o documentário “Cabra Marcado para Morrer” (1984).

## **2. O documentário “Cabra Marcado para Morrer” e sua trilha sonora**

### **2.1 O documentário**

A história de “Cabra Marcado” começa vinte anos antes de sua conclusão. No ano de 1962, a UNE organiza pela primeira vez uma caravana que percorreria o país para promover a discussão da reforma universitária, a chamada UNE-Volante. O grupo pretendia também, filmar a viagem e os problemas sociais das localidades visitadas. Eduardo Coutinho é

<sup>3</sup> Informação coletada em programa de concerto da Série Unirio Musical, realizado no dia 07/04/2009.

<sup>4</sup> Segundo depoimento informal do violonista Nélio Rodrigues (via e-mail no dia 02/05/2012), C. Guerra-Peixe foi professor de composição de Rogerio Rossini.

<sup>5</sup> Concerto da Série Unirio Musical, realizado no dia 17/04/2012.

<sup>6</sup> Curta-metragem disponível no link: <http://www.youtube.com/watch?v=oMQ5uGtvAr4>. Acessado em 27/07/2012.

chamado, então, para colaborar como diretor das filmagens. No dia seguinte à chegada da equipe à Paraíba, Coutinho registra imagens de um comício de protesto contra o assassinato do fundador e líder da Liga Camponesa de Sapé - PB, João Pedro Teixeira, captando imagens de sua viúva Elizabeth Teixeira com seis de seus onze filhos. A partir daí surge a ideia de um filme sobre a vida de João Pedro, que se chamaria “Cabra Marcado para Morrer”, com um elenco de camponeses e Elizabeth fazendo seu próprio papel. As filmagens se iniciaram em 1964, porém, 35 dias depois foram interrompidas pelo movimento militar. Houve prisões de membros da equipe e camponeses, e todo o material da filmagem foi apreendido.

Desta época Coutinho conseguiu recuperar as imagens que tinham sido filmadas, o roteiro original, e oito fotografias de cena, retornando ao local das filmagens em 1981, com a ideia de completar o filme. “São estas fotos que, além dos negativos do filme, possibilitarão a Coutinho retomar o contato com os camponeses e seus filhos e incitá-los a discorrer sobre o episódio do filme[...]” (Queiroz, 2005) e sobre a influência dos acontecimentos políticos, durante aquele intervalo de 17 anos, em suas vidas.

O documentário, então, se desenvolve principalmente a partir da figura de Elizabeth e a tentativa pela equipe de encontrar seus filhos, que haviam perdido contato com a mãe após sua fuga a fim de evitar que fosse morta. Depoimentos dos camponeses, imagens do primeiro “Cabra Marcado”, que são inseridas ao longo das narrativas, recortes de jornais com os acontecimentos da década de 1960, fotografias de Elizabeth e seus filhos, são os outros elementos principais na construção da narrativa do filme. São três os narradores no filme: o próprio Coutinho, que narra em primeira pessoa suas experiências; Ferreira Gullar, que é o responsável pelas informações necessárias ao entendimento da narrativa; e Tite de Lemos, que narra as informações dos jornais mostrados. Desta forma, “o filme faz uso de várias modalidades e estilos de cinema documentário a fim de conseguir articular sua trama densa e complexa numa narrativa compreensível para o espectador.” (QUEIROZ, 2005).

O filme incorpora muitos elementos do chamado cinema-verdade. Com a câmera na mão, tudo é filmado, inclusive o diretor e a equipe técnica antes e durante as cenas. Há uma preocupação muito grande com a ética e transparência; ao espectador não é apresentada uma verdade ou um sentido único para os fatos: “Em muitos momentos do filme, não há como identificar o ‘bom sentido’ para o que está sendo mostrado. O sentido pode tomar duas ou mais direções ao mesmo tempo [...] (LINS, 2004). Diante destas características, como seria a trilha sonora de um documentário de tema tão áspero, repleto de depoimentos, e que prima pela transparência, ética, e narra os fatos com imparcialidade?

## 2.2 A trilha sonora e sua construção

O documentário apresentou uma série de inovações na época, com “uma nova forma de se fazer cinema e cinema documentário no Brasil, tratando a questão do real com muito mais afinidade ao novo momento histórico.” (CHAUÍ, 1984). Da mesma forma, podemos dizer que sua trilha sonora se distancia da produção brasileira da época, que em geral adotava os padrões estéticos definidos, principalmente, pelas produções do cinema norte americano. Esta característica reflete o posicionamento do diretor e sua intenção sonora em relação aos aspectos éticos, estéticos, e emocionais do filme. Coutinho ao se referir ao trabalho do compositor, diz: “Tinha que ter uma base, pra que não fosse folclórica, mas que também não fosse uma música sempre desligada do contexto cultural da região.” (COSTA, 1985). E sobre suas intenções sobre a música, pondera: “O elemento principal na discussão sobre a música[...]é que não fosse contemplativa e de estimular a emoção. Se não fosse uma música crítica da imagem, que fosse uma música de tensão, uma música de estranheza, não fosse uma música pra acalantar a emoção.” (COSTA, 1985).

Ao todo são cerca de 40 entradas da trilha sonora ao longo do documentário, que apesar da escassez de tempo (pouco mais de um mês) e de recursos para sua realização, apresentam um uso extremamente inventivo de materiais sonoros. Além de instrumentos musicais (violão, flauta, clarinete, xilofone, percussão), Rossini lança mão da criatividade para compensar a falta de recursos, utilizando sons de um metrônomo, respirações gravadas, ressonâncias, adaptações de ruídos com modificações na equalização, timbre e alterações na velocidade da fita magnética, sons eletrônicos, entre outros.

Para alcançar o que o diretor imaginava, Rossini se utilizou, além da diversidade sonora, de algumas decisões em relação ao conteúdo musical e ao uso dos instrumentos. Uma das principais cenas do filme foi filmada na Paraíba, durante o protesto dos camponeses contra a morte de João Pedro Teixeira.



**Figura 01.** *Cabra Marcado, 2'22”*.

No momento em que aparecem Elizabeth e seus filhos de luto, inicia-se uma música de caráter animado, modal, tocada por uma flauta acompanhada por instrumentos de percussão. Após alguns compassos um clarinete dá à música um caráter contrapontístico. A música é desenvolvida a partir do tema dos primeiros compassos:



**Exemplo 01. Transcrição da melodia executada pela flauta.**

Apesar do caráter animado da melodia da flauta, a instrumentação é propositalmente reduzida. A música se aproxima de um certo clima nordestino e ao mesmo tempo se distancia pela sonoridade íntima, opaca, gerada pela instrumentação. Em seguida, a narração é alternada de Coutinho para Ferreira Gullar, que faz explicações sobre a luta dos camponeses da região. A partir deste momento, cromatismos vão sendo acrescentados aos motivos, gerando um movimento descendente:



**Exemplo 02. Trecho em que se iniciam os cromatismos executados pela flauta.**

Em nenhum momento há a presença de um instrumento harmônico. O clarinete executa melodias utilizando a escala de tons inteiros, contribuindo então, com o cromatismo da flauta, para a dissolução do eixo tonal. Apesar do elevado número de intervenções da trilha sonora durante o filme, pode-se dizer que ao mesmo tempo em que ela se relaciona com o tema do filme, ela não se impõe, mantendo uma certa distância, inclusive não sendo notada as vezes. De maneira geral, podemos dizer que a boa trilha sonora cinematográfica é aquela que não é percebida, ocupando um espaço secundário em nossa percepção consciente: “no cinema, a ênfase não está, primordialmente, no aspecto estrutural da música, mas sim no resultado que ela provoca em nossa percepção enquanto impacto sensorial.” (CARRASCO, 1993). Por outro lado, se realizarmos uma escuta atenta, vemos em alguns momentos como a trilha exerce importante função de sublinhar algumas cenas, mesmo que de maneira tímida. O

depoimento do camponês Cícero sobre sua participação no filme e o sonho de ver um dia o filme acabado, se torna bastante expressivo com a inclusão da música.



Figura 02. *Cabra Marcado*, 20'29"



Figura 03. *Cabra Marcado*, 20'47"

Para este trecho, Rossini é mais uma vez econômico, escrevendo um belo solo para clarinete, de sonoridade etérea, de eixo flutuante, e executado de maneira muito expressiva. A transcrição abaixo mostra somente as notas, sem indicações de fraseado, dinâmica etc.



#### Exemplo 03. Solo executado pelo clarinete

Mesmo neste trecho de caráter mais expressivo, é importante notar novamente a instrumentação escolhida por Rossini. A intenção sonora do diretor de evitar uma música emocional pode ser percebida, também, pela escolha dos instrumentos feita pelo compositor. Além da sonoridade contida dos sopros escolhidos, Rossini evitou o uso de instrumentos de cordas friccionadas (violinos, violoncelos etc.) que acrescentariam à trilha uma sonoridade lírica inadequada ao filme.

À parte das intervenções propriamente musicais, a trilha sonora de “Cabra Marcado” exerce uma função estrutural no filme: marcando o ritmo das cenas, as transições entre cenas, e mantendo o interesse do espectador durante suas duas horas de duração. A utilização de *efeitos sonoros*, produzidos no *Cabra* através de instrumentos eletrônicos, acústicos e da



manipulação das fitas magnéticas, tem função semelhante ao seu uso em filmes de suspense, servindo para “acrescentar e intensificar a gama de sons dissonantes e não reconhecidos pelo espectador, deste modo, aumentando a carga emocional do filme e de sua trilha sonora.” (SPADA, 2006). Um elemento de destaque no filme é a insistente marcação sonora das fotos familiares. Ao longo do documentário e sua busca pela família Teixeira, são mostradas diversas vezes fotografias dos filhos de João Teixeira e Elizabeth.



**Figura 04. *Cabra Marcado*, 1:23'08”**

O elemento sonoro escolhido por Rossini é o ataque de uma nota Mi bemol 4 ao violão, que é também atacada e sustentada pelo clarinete, produzindo um timbre muito interessante, e em um primeiro momento difícil de se reconhecer em termos de fonte sonora. Um curto e insistente som, que aparece onze vezes ao longo do filme, talvez em referência aos onze filhos do casal. A economia de meios é uma das características principais da trilha de Rogerio Rossini. Em nenhum momento do filme o compositor utiliza-se da instrumentação como recurso expressivo. As músicas são executadas sempre por poucos instrumentos, sem acompanhamento harmônico, as melodias não reforçam um eixo tonal, e recursos como a dinâmica são pouco explorados. Decisões que caracterizam as ferramentas utilizadas por Rossini para realizar a intenção sonora imaginada por Coutinho. Sobre a música, o diretor conclui: “E quando me dizem às vezes que o filme não é chato mesmo tendo duas horas, é porque acompanham como suspense, ficção, interessados no que poderia acontecer, e eu tenho a impressão que esse elemento que passa inadvertidamente para muitas pessoas do público não interessadas em política assim particularmente, passa muito por causa da música. A música ajuda na criação dessa investigação que você não sabe onde vai chegar...” (COSTA, 1985).

## **Referências**

CHAUÍ, Marilena. “Do épico pedagógico ao documentário.” *Folha de São Paulo*, Junho, 1984.

COSTA, Flávio Moreira. Entrevista realizada com o diretor Eduardo Coutinho. Manuscrito. Acervo Particular. 1985.

*Cabra Marcado para Morrer* (filme). Eduardo Coutinho. Brasil. 1984. Mapa Filmes.

LINS, Consuelo. *O documentário de Eduardo Coutinho – televisão, cinema e vídeo*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2004.

QUEIROZ, Ana Lee. *Cabra Marcado para Morrer: da história do cabra à história do filme*. Campinas. Dissertação de Mestrado, Unicamp, 2005.

SPADA, Thiago Gobet. *Caminhos Brasileiros: na trilha musical de David Tygel*. Campinas. Dissertação de Mestrado, Unicamp, 2006.

CARRASCO, Claudinei. *Trilha musical: música e articulação fílmica*. São Paulo. Dissertação de Mestrado, USP, 1993.